



MEDIAÇÃO DIDÁTICA EM TRABALHO DE CAMPO: O POTENCIAL DO CADERNO DE CAMPO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ricardo Chaves de Farias ¹
Mariana Rezende Souza ²
Lucas Lima Coelho ³

RESUMO

O artigo versa a respeito da potencialidade do caderno de campo no contexto de ensino-aprendizagem em Geografia a partir de uma atividade prática considerada comum entre professores da educação básica: o trabalho de campo. Apesar de tradicional, a realização da atividade com objetividade metodológica, intencionalidade teórica e planejamento pode ser ativada como uma referência para aprender Geografia segundo a força do empírico. Desse modo, os estudantes transformam conceitos cotidianos em científicos com base no esforço didático-pedagógico empreendido por professores no espaço geográfico, para que a aprendizagem seja alcançada. Esse trabalho é resultado de uma dissertação de Mestrado defendida na Universidade de Brasília meses antes do início da pandemia de Covid-19. Por essa razão, apresenta informações empíricas levantadas antes das restrições impostas pelo isolamento social e transposição das aulas para o ensino remoto emergencial. Tem como referencial teórico temas que versam a respeito da Geografia Escolar, Trabalho de Campo e ensino-aprendizagem de Cidade. Entre os resultados, destaca-se que o caderno de campo é um importante instrumento de auxílio a professores e estudantes para ensinar e aprender Geografia, embora ainda existam desafios a serem superados, como a compreensão sobre a dinâmica físico-natural presente no espaço citadino.

Palavras-chave: Caderno de Campo, Geografia Escolar, Cidade.

ABSTRACT

The article deals with the potential of the field notebook in the context of teaching-learning in Geography from a practical activity considered common among basic education teachers: fieldwork. Although traditional, carrying out the activity with methodological objectivity, theoretical intentionality and planning, can be activated as a reference for learning Geography according to the strength of the empirical. In this way, students transform everyday concepts into scientific ones based on the didactic-pedagogical effort undertaken by teachers in the geographical space, so that learning can be achieved. This work is the result of a Master's Degree Dissertation defended at the University of Brasília months before the start of the Covid-19 pandemic. For this reason, it presents empirical information gathered before the restrictions imposed by social isolation and the transposition of classes to emergency remote teaching. Its theoretical reference is themes that deal with School Geography, Field Work and teaching-learning of the City. Among the results, it is highlighted that the field notebook is an important tool to help teachers and students to teach and learn Geography, although there are still challenges to be overcome, such as understanding the physical-natural dynamics present in the city space.

Keywords: Field Notebook, School Geography, City.

¹ Doutorando em Geografia pela Universidade de Brasília - DF, ricardochaves@outlook.com;

² Geógrafa graduada pela Universidade de Brasília - DF, marirezendegeo@gmail.com;

³ Mestre em Geografia pela Universidade de Brasília - DF, omnilucas@gmail.com.



INTRODUÇÃO

No ensino de Geografia, o trabalho de campo é um dos variados caminhos adequados à construção do conhecimento ou ao desenvolvimento do raciocínio geográfico. Essa estratégia possibilita ir além da relação transmissão/recepção de conteúdo, pois envolve o estudante com o local onde ocorrem os fenômenos e remete-o a análises, a interpretações e, até mesmo, a resolução de problemas focados no desenvolvimento do raciocínio geográfico como finalidade específica da Geografia Escolar (FARIAS, 2019).

Entende-se que o trabalho de campo se constitui numa importante ferramenta na aprendizagem do aluno contemporâneo devido à dinamicidade que pode ser proporcionada pela mediação do professor, favorecendo a compreensão do espaço geográfico explorado e a concretização de abstrações, como o reconhecimento da relação entre o global e o local. Apesar de ser uma atividade comumente realizada por professores, ainda existem obstáculos epistemológicos que podem comprometer os objetivos desejáveis de aprendizagem.

O texto foi desenvolvido a partir da dissertação de mestrado do proponente que consistiu na execução de um trabalho de campo com estudantes da Educação Básica no Distrito Federal, com o foco na construção do conceito de cidade por eles, a partir de Águas Claras, Região Administrativa nº XX do Distrito Federal. A atividade foi mediada pelo professor/pesquisador com o auxílio do caderno de campo como instrumento auxiliar na mobilização do processo de análise e interpretação da paisagem nos pontos explorados.

A pesquisa justifica-se pela valorização do espaço de vivência dos estudantes no contexto de ressignificação dos conteúdos de Geografia para mobilizar os conhecimentos cotidianos e aplicar os conhecimentos científicos a partir da mediação didática realizada pelo trabalho de campo. O presente texto destacará o uso do caderno de campo criado pelo professor/pesquisador, a partir dos elementos geográficos visíveis e invisíveis na paisagem dos pontos de exploração do trabalho de campo.

O objetivo geral do artigo é reconhecer a potencialidade do caderno de campo no processo de mediação didática em trabalhos de campo. Como objetivos específicos,



apresentam-se: (i) demonstrar que o lugar de vivência dos estudantes pode constituir-se território de aprendizagem na realização de trabalhos de campo; (ii) apresentar o processo de confecção do caderno de campo e (iii) identificar as dificuldades enfrentadas pelos estudantes participantes do trabalho de campo.

As informações categorizadas demonstraram que a apreensão acerca dos fenômenos e processos presentes na cidade é satisfatória, e que os estudantes compreendem muitas de suas dinâmicas socioespaciais. O envolvimento dos estudantes com a atividade proposta e o nível de conhecimento demonstrado com a maior parte das respostas do caderno de campo ilustram que o trabalho de campo pensado e aplicado como metodologia para o ensino de Geografia é de fato relevante e favorável à aprendizagem geográfica. Demonstram, ainda, que a análise da cidade à luz das categorias lugar e paisagem foram de extrema importância para analisar o espaço geográfico de Águas Claras e construir o conceito de cidade, pois a todo o instante os alunos forneceram informações pertinentes à vivência na cidade, no entanto (re)significadas pelo conhecimento geográfico.

METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa é a que caracteriza esse estudo, pois possibilita interpretar qualitativamente os resultados obtidos, uma vez que “o investigador entra em contato direto com o indivíduo ou grupos humanos, com o ambiente e a situação que está sendo investigada” (LAKATOS e MARCONI, 2011, p. 272), analisando e interpretando os aspectos levantados de forma mais detalhada.

Para Minayo (2001) essa pesquisa responde a questões particulares e preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Portanto, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O enfoque qualitativo é o mais adequado à interpretação das informações empíricas levantadas junto às respostas dos cadernos de campo. Segundo Flick (2008), possibilitar uma postura específica, baseada na abertura e reflexão do pesquisador acerca do objeto estudado, ou seja, na análise do processo de ensino-aprendizagem em Geografia por meio do trabalho de campo.



O trabalho de campo foi desenvolvido em três etapas, a partir da sequência de mediação didática apresentada por Cavalcanti (2014) e constitui-se por problematização (pré-campo), sistematização (campo) e síntese (pós-campo) a partir do conceito de cidade mobilizado segundo o lugar e paisagem como categorias de análise do espaço geográfico.

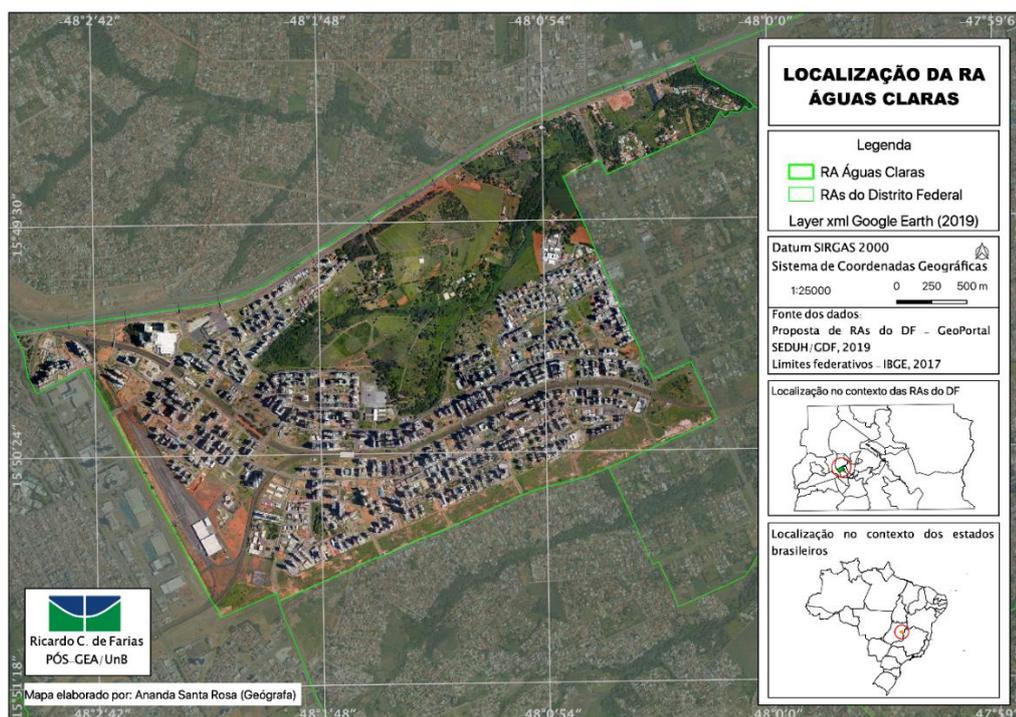
A atividade foi desenvolvida com estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais, na Região Administrativa (RA) de Águas Claras – Distrito Federal. Trata-se de uma cidade com modo de vida bastante peculiar nessa unidade da federação, visto que a população predominante mora em prédios de condomínios fechados e as crianças têm suas infâncias vividas em grande parte atrás dos muros e portarias. Nesse modo de vida, é comum que as típicas brincadeiras de rua sejam substituídas pelos jogos nas quadras de esporte, banho de piscina e uso de jogos eletrônicos no interior dos muros dos condomínios (FARIAS, 2019). Por essa razão, o trabalho de campo foi um novo tipo de evento para os estudantes, mesmo que tenha se realizado nas imediações da escola.

Os alunos partícipes foram voluntários, visto que não se tratava de uma atividade com avaliação valendo pontuação e consistiu em 14 estudantes que se organizaram em quatro grupos para visitar quatro pontos de exploração em um recorte espacial delimitado nas redondezas da escola. Esse espaço foi denominado com Unidade Territorial de Aprendizagem (UTA) e valeu-se das reflexões propostas pelo professor/pesquisador a partir das potencialidades previstas para a construção do conceito de cidade (FARIAS, 2019).

Diferente do imaginário brasileiro, o Distrito Federal possui diferentes cidades, com modos de vida contrastantes. Com Águas Claras não é diferente. A Região Administrativa nº XX é composta predominantemente por prédios com mais de seis andares, o que foge do padrão existente no Plano Piloto de Brasília e contribui para o adensamento demográfico. Ademais, o perfil socioeconômico da cidade é composto por moradores de classe média e apesar de ser uma periferia do Plano Piloto, o alto padrão de vida é uma característica marcante desse espaço. Esse fato pôde ser evidenciado no forte apelo ao consumo existente na paisagem. A localização de Águas Claras está evidenciada no Mapa 1.



Mapa 1 – Localização da RA Águas Claras



Fonte: FARIAS, 2019.

Como explicitado, a cidade foi utilizada como referência espacial e conceito para a construção do conhecimento geográfico pelos estudantes. Os territórios dos estudantes são significativos para a (re)construção do conhecimento geográfico e da cidadania e por isso, foi a mobilizadora para a realização do trabalho de campo segundo a mediação didática.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Geografia Escolar é uma criação original da escola e não se restringe apenas à transposição didática de conceitos construídos na Geografia Acadêmica. Assim,

[...] a geografia escolar tem um estatuto próprio e não necessariamente está subordinada ao que se prescreve para ela na Academia, [...] a geografia escolar não é uma simplificação da ciência, no sentido de se ter como parâmetro a referência direta dos conhecimentos científicos para o cotidiano dos alunos. Sua razão de ser deve estar assentada na possibilidade de permitir o questionamento tanto do conhecimento científico quanto do conhecimento cotidiano (CAVALCANTI, 2008, p. 27).

Compreender esse processo é importante para definir de onde parte o lugar de fala do pesquisador e do presente artigo. Além disso, identificar que é possível produzir



ciência com estudantes na e para a escola. Para que esse processo se tornasse possível, o caminho escolhido foi o trabalho de campo.

O trabalho de campo é uma atividade relevante e está presente na constituição ontológica dos professores de Geografia. Ele se constitui como uma metodologia processual, composto por reflexões teóricas e rigor metodológico, com espaços delimitados previamente para proporcionar a vivência aos estudantes, de modo que estes consigam enxergar o não-óbvio no óbvio (FARIAS, 2019).

Obstáculos epistemológicos ainda são comuns na execução da atividade, como o predomínio de aspectos descritivos da paisagem e empirismo na análise do espaço. Sobre esse assunto, Sacramento e Souza (2018) identificam que,

[...] ainda que a atividade, durante o trabalho de campo, se pautar principalmente na observação, descrição e busca a síntese da paisagem, o exercício cognitivo sobre a apreensão dessa paisagem possibilita a interação do observador com o objeto observado. E essa interação, quando articulada com a formação teórica, possibilita que deixe de ser somente empirista (SACRAMENTO e SOUZA, 2018, p. 127).

A função do professor de Geografia é mediar a interação do aluno com o espaço estudado e/ou objeto observado, daí a necessidade de aportes teóricos e pedagógicos para a realização eficaz da atividade. A mediação didática é eficaz no processo de construção do conhecimento e desenvolvimento do raciocínio geográfico por parte dos estudantes. Por sua vez, o raciocínio geográfico se constitui como a “capacidade de estabelecer relações espaço-temporais entre fenômenos e processos, em diferentes escalas geográficas” (GIROTTTO e MORETTO, 2017, p. 95) e por essa razão, o trabalho de campo mediado em etapas com o auxílio do caderno de campo, facilita o desenvolvimento do raciocínio próprio da Geografia.

O caderno de campo é uma ferramenta auxiliar no processo de mediação didática desempenhada pelo professor durante a atividade de campo. Seu objetivo é contribuir com a orientação para as reflexões dos estudantes, ao constituir-se de mapas, fotos, citações, e espaços para registros a respeito dos pontos visitados. Destaca-se que esse instrumento enquanto um bloco de papel em branco é um artifício limitado, pois depende de orientação a respeito do que se observar/analisar no tocante à paisagem (FARIAS, 2019), constituindo-se como material didático-pedagógico que pode ser elaborado a partir das reflexões do professor e contar até mesmo com a participação dos estudantes, durante a fase de planejamento da atividade.



Durante a realização do trabalho de campo é importante que o estudante consiga refletir acerca dos fenômenos que estão visíveis e invisíveis na paisagem e que ele tenha a possibilidade de registrar o que está vivenciando para teorizá-lo junto aos conteúdos de Geografia (SILVA, FARIAS e LEITE, 2019). O estudante como ser ativo no processo de aprendizagem, não pode depender exclusivamente das falas realizadas pelo professor e necessita de tempo para a reflexão individual ou em grupo em cada ponto explorado.

O caderno de campo deve ser considerado um material, onde

[...] os participantes da atividade devem facilmente encontrar as principais instruções relativas à coleta de dados e informações e ao processo de observação, além de espaços adequados para registros escritos, desenhos e esquemas. [...] O caderno de campo se constitui, deste modo, um “fiel companheiro” dos participantes porque, rápida e facilmente, podem ser consultadas, em caso de dúvida, as atividades programadas e os procedimentos adotados (LOPES e PONTUSCHKA, 2009, p. 182).

O caderno de campo colabora para a construção de conhecimento geográfico, pois ele mobiliza a reflexão dos estudantes diante da paisagem a partir das provocações feitas pelo professor, com o objetivo de interpretar fenômenos espaciais. Por meio dele é possível “desenvolver, nos alunos, hábitos e procedimentos de pesquisa tais como: a observação orientada, o registro de dados e informações mais sistematizados e, até mesmo, de suas impressões mais pessoais sobre a realidade” (LOPES e PONTUSCHKA, 2009, p. 182).

Giroto e Moretto (2017) ressaltam ainda que se trata de um valioso instrumento da mediação didática na realização do trabalho de campo, seja ele desenvolvido em espaço próximo ou distante do aluno. O importante é que ele faça parte da etapa de planejamento do trabalho de campo, para que essa atividade não seja embasada pelo improviso, que os alunos reconheçam o valor pedagógico e que eles possam mobilizar conhecimentos geográficos.

Para a elaboração do caderno de campo, contou-se com a análise das dimensões empíricas situadas nas imediações da escola e a partir dos fenômenos geográficos visíveis e invisíveis na paisagem, o professor/pesquisador realizou o registro fotográfico e o levantamento teórico para a construção de questões que pudessem provocar a mobilização do olhar geográfico por parte dos estudantes. Para que esse processo se



tornasse possível, utilizou-se o lugar e a paisagem como referenciais para a análise da cidade.

O lugar é imprescindível à compreensão do mundo, pois as manifestações globais são visíveis nessa escala de análise. E, a respeito da paisagem, também, o que Moreira (2015, p. 116) destaca: “analisar espacialmente os fenômenos implica antes descrevê-lo na paisagem [...], a fim de compreender-se o mundo como espaço”, localizando e interpretando-o. E a paisagem é fundamental para que os estudantes possam identificar os fenômenos espaciais e consigam ler, interpretar e finalmente, transformar/produzir o espaço geográfico.

A partir das visitas exploratórias, o professor/pesquisador identificou conteúdos mobilizadores à construção do conhecimento e confecção do caderno de campo. O Quadro 1 ilustra como cada ponto de exploração foi trabalhado.

Quadro 1 – Conteúdos abordados nos pontos de exploração

Ponto 1 – Praça em frente à escola e ao supermercado	Ponto 2 – Estação Arniqueiras (Metrô-DF)	Ponto 3 – Parque Ecológico de Águas Claras	Ponto 4 – Área de convivência no Parque Ecológico de Águas Claras
Adensamento populacional; verticalização da cidade; organização espacial da cidade; a cidade e o lugar; espaços públicos e espaços privados de uso coletivo.	Centralidade urbana; segregação socioespacial; rede urbana; mobilidade urbana; produção do espaço da cidade.	Ambiente urbano (relevo, vegetação, hidrografia); problemas ambientais urbanos; consumo na e da cidade.	Direito à cidade; morar e habitar na cidade.

Fonte: FARIAS, 2019.

O caderno de campo foi elaborado a partir da potencialidade identificada em cada ponto de exploração nos arredores da escola, de modo a permitir a construção do conceito de cidade. Assim, colaborar para que os escolares compreendam as contradições no espaço, permitir uma articulação entre cidade, espaço público e cidadania (CAVALCANTI, 2002), e compreender a cidade como lugar de diferença, contato e conflito, tornam-se importantes para se reafirmar um projeto que garanta o direito à cidade (LEFEBVRE, 1991).

Os referenciais apresentados foram essenciais na realização do trabalho de campo para a construção do conceito de cidade e relevantes para que o caderno de campo fosse elaborado pelo professor pesquisador. No próximo tópico, serão



apresentados os principais resultados referentes ao potencial do caderno de campo, bem como os desafios identificados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As informações sistematizadas permitem afirmar de forma satisfatória que houve apreensão sobre os fenômenos geográficos presentes na cidade. Analisar a cidade sob o viés do lugar e da paisagem com o auxílio do caderno de campo, potencializa a mobilização de conhecimentos e permite o olhar voltado à construção da cidadania para que essa seja reivindicada, conquistada e mantida.

Apesar de no geral, apresentarem bom envolvimento com a atividade, algumas respostas do caderno de campo não foram preenchidas, certas análises estavam incoerentes com fenômenos manifestos nos pontos de exploração da UTA e as abstrações referentes às questões ambientais foram vistas com dificuldade.

De igual modo demonstrou que o lugar de vivência dos estudantes pode constituir-se território rico de aprendizagem na realização de trabalhos de campo, nas aulas de Geografia.

Essas afirmações permitem endossar a fala de Cavalcanti (2014) ao ressaltar que o lugar é referência à construção do conhecimento pelo estudante, quando este interage com a realidade, bem como, quando destaca que a cidade é vista como lugar por onde se produz um modo de vida. Essa abordagem foi encontrada nas respostas do caderno de campo. Esse fato reforça a fala de Cavalcanti (2014) ao ressaltar que a paisagem ajuda a compreender as concepções dos jovens a respeito da cidade e da vida urbana.

Os estudantes compreenderam, que a praça, a rua, a estação do metrô, o comércio, o vai e vem das pessoas, o parque, todos os espaços foram produzidos a partir de ações humanas em interação com sistemas de objetos. Estes, que se apresentam muitas vezes de forma contraditória e fazem parte do modo de vida dos alunos.

A utilização do caderno de campo foi fundamental para auxiliar o processo de observação e análise da paisagem, pois ele foi elaborado a partir das características dos pontos de exploração da UTA delimitada pelo professor/pesquisador nas imediações da escola. Ademais, esse instrumento didático-pedagógico assumiu função importante, pois trata-se de uma documentação a respeito do que se está vivenciando no campo à luz da Geografia.



Com base nos resultados identificados, foi possível chegar ao seguinte quadro de síntese comparativa do trabalho de campo. É importante ressaltar que esse é um pequeno recorte de apenas dois pontos presentes nas informações empíricas analisadas e discutidas em Farias (2019). Para o conhecimento total do caderno de campo, bem como de todas as informações empíricas, sugere-se a leitura da dissertação em questão.

Quadro 2 – Síntese Comparativa de resultados do campo

Especificação e critérios de análise	Ponto 1			
	G1	G2	G3	G4
Identificar as consequências da verticalização e adensamento populacional	Identificou o bloqueio de iluminação solar pelos prédios localizados ao redor, além de sinalizar o incômodo causado por ruídos e o engarrafamento que é constante nessa cidade.	Identificou a queda de temperatura causada pela sombra dos prédios ao redor e sinalizou para os ruídos de carros, trânsito engarrafado e acúmulo de lixo.	Identificou pela sensação térmica ao ilustrar que os locais ensolarados são mais quentes, atentou para a poluição sonora e o acúmulo de lixo.	Identificou a queda de temperatura causada pela sombra dos prédios, sinalizou a existência de ruídos, atentou-se para a existência de poluição e violência.
Identificar a relação entre o lugar e a construção da identidade	Identificou a partir da interação das pessoas com o ponto de exploração.	Identificou ao considerar a área ao redor do ponto 1 como local de moradia das pessoas.	Identificou o espaço como local de segurança e estabilidade. Ademais, destacou o local como moradia para muitas pessoas em condições harmoniosas.	Destacou que o local proporciona o uso da cidade pelos moradores. Usou a expressão direito à cidade para se referir a apropriação do espaço pelos moradores.
Ponto 2				
Relacionar metrô à produção do espaço e segregação socioespacial	Relacionou a localização do imóvel ao valor de mercado.	Não relacionou.	Relacionou o equipamento público a agregação de valor atribuída aos imóveis em suas imediações.	Relacionou ao destacar a cidade cresceu ao redor do metrô e que o equipamento público aumenta a mobilidade e contribui com o aumento do valor do solo.
Identificar problemas relativos à mobilidade intraurbana.	Identificou na paisagem a obstrução de rampas para deficientes nas calçadas.	Destacou que o volume de carros nas ruas deixa o trânsito engarrafado.	Não identificou.	Destacou que as calçadas são pequenas e que em muitos cantos, elas são pequenas para as pessoas.

Fonte: FARIAS, 2019.



O Quadro 2 foi organizado a partir das respostas indicadas pelos estudantes no caderno de campo. Nota-se que apesar do planejamento, realização de atividade pré-campo, uso de questões pautadas por conteúdos que mobilizassem a construção de conhecimentos e o reconhecido sucesso na coerência de grande parte das respostas, alguns grupos deixaram de preencher todo o caderno.

Quando questionados sobre o motivo para não responder a algumas perguntas do caderno de campo, os estudantes alegaram que não compreenderam bem o que era solicitado. É importante ressaltar que esses momentos puderam ser resgatados durante a atividade pós-campo, pois essa proporcionou o momento de síntese e conclusão do trabalho de campo.

Oportunizar a aprendizagem a partir de possíveis erros ou incompreensões sobre determinadas abstrações também revela a potência do caderno de campo. Ele pode ser utilizado ainda como ferramenta de avaliação e referência para a aprendizagem na conclusão do trabalho de campo, pois identifica e corrige possíveis incoerências.

Utilizar o trabalho de campo como estratégia de aprendizagem em Geografia não se restringe a momentos de lazer e descontração durante a rotina escolar. Embora ele os proporcione, sua força consiste no uso do empírico para construir conhecimentos com os estudantes. No caso específico da Geografia, estes possibilitam uma leitura de mundo menos inocente e o reconhecimento do caráter global que o lugar possui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprender Geografia na escola é algo fundamental na vida de estudantes da educação básica, embora essa disciplina seja alvo de ataques no que diz respeito a reformas como a do novo Ensino Médio, que será implementado em 2022. Utilizar a força do empírico e o espaço de vivência que consiste no ir e vir de estudantes entre suas casas e a escola pode servir como referencial para a construção de conhecimentos ressignificados à luz da Geografia Escolar.

Nesse aspecto, o trabalho de campo quando bem planejado e conduzido a partir do referencial teórico construído diante da espacialidade escolar, pode se tornar um caminho potente para a construção de conhecimentos geográficos na educação básica. Entre suas etapas, o caderno de campo coerente com a atividade se torna um instrumento didático-pedagógico capaz de provocar os estudantes à leitura dos



fenômenos visíveis e invisíveis na paisagem. Ademais, também pode ser visto como ferramenta de avaliação, posto que identifica possíveis incoerências e erros conceituais que podem ser corrigidos na etapa final do trabalho de campo.

Longe de apresentar receitas prontas, o artigo desvelou uma possibilidade de percurso metodológico para a construção de conhecimentos junto aos estudantes da educação básica. Nesse caso, o pesquisador destaca a utilização da UTA como recorte espacial no território mobilizado pela escola e seus estudantes para superar possíveis dificuldades de reconhecimento do caráter global que o lugar possui.

Assim, como os lugares de crianças e jovens subalternizados poderiam ser utilizados para o reconhecimento das disputas, tensões e atritos entre atores hegemônicos e contra-hegemônicos? Como esse conhecimento construído na escola pode ativar a cidadania para a luta pelo direito à cidade? São perguntas que surgem pela compreensão do caráter político que o espaço geográfico possui. Este não se apresenta concluído e ainda tem brechas para que os sujeitos transformem/construam suas espacialidades de forma a proporcionar uma sociedade mais justa e em condições de dignidade.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino: Geografia escolar e procedimentos de ensino numa perspectiva sócio-construtivista**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia Escolar e a Cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papyrus Editora, 2008, 196 p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A metrópole em foco no ensino de Geografia: o que/para que/para quem ensinar?**. PAULA, Flavia Maria de Assis Paula; CAVALCANTI, Lana de Souza; SOUZA, Vanilton Camilo de. O ensino de Geografia e Metrópole, v. 1, p. 30-55, 2014.

FARIAS, Ricardo Chaves de. **Trabalho de campo em unidade territorial de aprendizagem: possibilidade para o ensino de cidade na geografia escolar**. 162 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Artmed editora, 2008.

GIROTTI, Eduardo Donizeti; MORETTO, Beatriz Campos. Entre a escola e a universidade: os múltiplos sentidos do trabalho de campo como mediação didática. **GeoTextos**, v. 13, n. 2, 2017.



LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 6^a ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia** (Londrina), v. 18, n. 2, p. 173-191, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Editora Contexto, 2015, 189 p.

SACRAMENTO, A. C. R; SOUZA C. J. O. O trabalho de campo para a formação e atuação docente na Educação Básica: realidade e desafios. In: Eliana Marta Barbosa de Moraes; Adriana Olivia Alves; Valéria de Oliveira Roque Ascensão. (Org.). **Contribuições da Geografia Física para o Ensino de Geografia**. 1^a ed. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2018, v1, p. 121-149.

SILVA, Alcinéia de Souza; FARIAS, Ricardo Chaves de; LEITE, Cristina Maria Costa. O trabalho de campo para além de uma atividade prática nas aulas de geografia: uma metodologia de viabilização da construção do conhecimento geográfico. **Revista Tamoios**, v. 15, n. 1, 2019.